

## Banho de Cheiro de São João no município de Abaetetuba, Pará, Brasil

*Dyana Joy dos Santos Fonseca<sup>1</sup>  
José Pompeu de Araújo Neto<sup>2</sup>  
Jeferson Miranda Costa<sup>3</sup>*

### Resumo

Banhos ritualísticos de ervas são práticas relevantes em vários países, inclusive no Brasil. Na cidade de Abaetetuba, no estado do Pará, o uso de plantas para a cura física e espiritual também se faz presente na forma de um banho, conhecido como “banho de cheiro de São João”, realizado durante os festejos da madrugada de 24 de junho. Diante do exposto, objetivou-se investigar as plantas usadas no banho de cheiro feito em Abaetetuba. Na realização do estudo foram feitas visitas à feira da cidade para coleta de dados, por meio das conversas informais e da observação participante, junto aos vendedores de banho. Os espécimes vegetais usados no preparo foram adquiridos por compra e/ou por meio de turnês-guiadas realizadas na cidade. A coleta e herborização das espécies foram feitas segundo metodologia padrão e para a identificação usou-se a literatura especializada. O material testemunho foi depositado nos herbários do Museu Paraense Emílio Goeldi (MG) e do Instituto Federal do Pará - Campus Abaetetuba (HIFPA). O banho realizado em Abaetetuba apresenta ligações religiosas com as culturas afrodescendentes e para seu preparo são usadas 30 plantas, das quais oito (25,8%) são usadas como aromática, cinco (16,12%) com objetivo místico e 17 (58%) são empregadas com intuito aromático e místico. O banho de cheiro de São João de Abaetetuba tem importância histórico-cultural para a cidade, pois o conhecimento a respeito dessa prática vem das gerações passadas, sendo um patrimônio cultural, enraizado do sincretismo religioso da cultura afrodescendente.

**Palavras-chave:** Plantas ritualísticas; Banhos aromáticos; Amazônia.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural da Amazônia e Museu Paraense Emílio Goeldi. E-mail: dyanajoybio@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, IFPA - Campus Abaetetuba.

<sup>3</sup> Curador do Herbário HIFPA e Docente do IFPA - Campus Abaetetuba.

## 1. INTRODUÇÃO

A colonização do Brasil caracteriza-o com uma enorme diversidade étnica e religiosa e, como tal, incorpora manifestações culturais e religiosas de outros povos, entre as quais se destacam a prática dos banhos ritualísticos, pois estes são mais do que um hábito de higiene, são considerados expressões das diversas religiões existentes no país e, apesar de remeter imediatamente à cultura africana, representam também outras manifestações étnicas, como os banhos xamânticos indígenas, os banhos ciganos e os banhos de cheiro da Amazônia (LIMA, 2009). Confirmado por Coelho-Ferreira (2000) e Lima (2009), os banhos ritualísticos na concepção dos que os praticam têm a finalidade de tratamento físico e de potencializar as energias que estão na natureza e no corpo energético das pessoas, seja essas ligadas a alguma religião ou não.

Deste modo, os banhos ritualísticos são realizados em diversas localidades brasileiras. No centro-oeste, em Corumbá-Mato Grosso do Sul, o banho de São João é realizado no mesmo período que o da região norte e, segundo a tradição local, acredita-se que as águas do rio Paraguai se tornam milagrosas, por isso banham o santo nessa água, remetendo a uma prática de origem árabe (SOUZA, 2004). Nas regiões Norte e Nordeste, os banhos são feitos com certas ervas aromáticas e recebem o nome de “banho de cheiro” (LIMA, 2009), correspondendo aos “amacis” ou “amansis” vendidos nos mercados e feiras de Belém-Pará (COELHO-FERREIRA, 2000). Destacam-se, ainda, os cultos afro-brasileiros na casa das minas em São Luís-Maranhão (BERG, 1991) e os “banhos de ervas” empregados no candomblé e na umbanda em Olinda-Pernambuco (LIMA et al., 2005).

Na região amazônica, principalmente em Belém e Manaus, o banho de cheiro faz parte das tradições juninas e pode ser realizado de forma coletiva no fim da festa, momento em que se homenageia o santo mais famoso e esperado, São João. A preparação do banho de São João inicia-se alguns dias antes da festa, quando as plantas são preparadas e colocadas em garrafas até o momento da cerimônia em que os devotos lavam e esfregam o corpo com esses ingredientes (RANGEL, 2008). Na prática tradicional do banho de cheiro de São João – como também é conhecido em Belém, os devotos do santo tomam o banho preferencialmente à meia-noite do dia 23 ou na manhã de 24 de junho, confiando que este serve para limpeza e proteção do corpo e do espírito (BERG; SILVA, 1986). De fato, acredita-se que o banho de cheiro tenha o poder mágico de trazer felicidade às pessoas que o praticam (RANGEL, 2008).

A cidade de Belém, entretanto, não é a única no estado do Pará em que a população realiza o banho de cheiro nas épocas juninas. Em Abaetetuba, a cerca de 120 km da capital, a festa de São João é realizada na mesma data e tem como tradição, além dos pratos típicos, fogueiras e músicas juninas, o famoso banho de cheiro de São João. Assim, por meio da observação constatou-se que essa tradição é muito presente na cidade, pois se nota que os vendedores comercializam quantidades significativas de plantas para serem usadas no preparo e há repercussão a respeito da festa de São João no município.

Dessa forma, este trabalho objetivou fazer o estudo do banho de cheiro de São João no município de Abaetetuba, Pará, Brasil. Para isso, investigaram-se quais são as

plantas e as partes dos vegetais que são usadas no preparo do banho, bem como a origem e as finalidades atribuídas às mesmas.

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

### **2.1. Coleta de dados**

Realizaram-se visitas à feira da cidade, durante a comercialização do banho de cheiro de São João, no dia 23 de junho dos anos de 2016 e 2017. Nesse momento foram feitas entrevista informais com os vendedores de ervas cheirosas que aceitaram participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Também se utilizou a observação participante para uma maior interação com os vendedores, como recomenda Albuquerque et al. (2010). Ambas as técnicas empregadas possibilitaram saber quais as plantas utilizadas, as partes vegetativas empregadas e as finalidades das mesmas. Foram feitas também turnês-guiadas (ALBUQUERQUE et al., 2010) nos quintais e também na zona rural da cidade para coletar as plantas usadas, o que proporcionou também complementar as informações a respeito do banho de cheiro da cidade.

Os procedimentos de coleta seguem os termos éticos propostos pelo Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do conhecimento tradicional associado, a pesquisa em questão encontrasse protocolada no número de cadastro ABAAC7E.

### **2.2. Coleta, Herborização e Identificação das espécies**

O material botânico foi coletado durante as turnês-guiadas e herborizado de acordo com as técnicas descritas por Fidalgo e Bononi (1989), sendo depositado nos herbários do Museu Paraense Emílio Goeldi (MG) em Belém-PA e do Instituto Federal do Pará - Campus Abaetetuba (HIFPA) em Abaetetuba-PA.

Por seguinte, os nomes populares das plantas usadas no banho informados pelos entrevistados serviram para uma identificação inicial feita a partir de publicações sobre espécies úteis, preferencialmente bibliografia regional, tais como Berg e Silva (1986), Zoghbi e Guilhon (2008), Lisboa e Silva (2009) e Berg (2010). Além disso, a identificação final deu-se sempre que possível a partir de chaves e descrições taxonômicas, contando também com ajuda de especialistas. Complementarmente realizou-se comparação com espécies cujas imagens das exsicatas e/ou plantas vivas estivessem disponíveis no site do Missouri Botanical Garden (<http://www.tropicos.org/>) ou do JSTOR Plant Science (<http://plants.jstor.org/>).

### **2.3. Organização e análise de dados**

Para cada planta usada no banho de cheiro de Abaetetuba foram apresentadas as seguintes informações na Tabela 1:

- **Identificação botânica:** nome pelo qual a espécie é conhecida de forma taxonômica;
- **Parte utilizada:** órgãos vegetais utilizados no preparo do banho, indicado pelo informante;
- **Finalidades:** Mística – para as plantas que são usadas com fins espirituais, servindo para descarregar as más energias, atrair coisas boas, afastar coisas ruins, como o mau olhado que pode ser a inveja e maus espíritos, bem como para levantar o astral; Aromáticas – para aquelas que são usadas apenas com o objetivo de deixar o banho com um aroma mais intenso e agradável; Místico-aromáticas – para as que são usadas tanto para finalidades místicas como aromáticas;
- **Origem:** as espécies registradas foram categorizadas segundo a Flora do Brasil 2020 (floradobrasil2020@jbrj.gov.br) em: espécies nativas – aquelas que originalmente ocorrem no Domínio Fitogeográfico da Amazônia; e espécies exóticas – aquelas que foram introduzidas de outras regiões.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O banho de cheiro de São João de Abaetetuba caracteriza-se como uma prática tradicional realizada tanto na zona rural como na urbana durante as festas juninas, na passagem do dia 23 para 24 de junho, sendo atribuída ao São João, como uma forma de homenageá-lo, tal como Berg e Silva (1986) descrevem para Belém. Confirmado por Nóbrega (2010), em Salvador-Bahia as festas juninas no nordeste evidenciam, principalmente, São João, porém ampliam essas comemorações a outros santos, como Santo Antônio e São Pedro.

São João durante sua trajetória religiosa alertava o povo da vinda de Jesus Cristo e insistia no batismo em água, ato que significava mudança interior. Nota-se, então, que a festa realizada em Abaetetuba não é apenas uma homenagem a esse santo, mas também uma alusão à prática de banhos de purificação (LIMA, 1997). Já em Salvador, segundo Nóbrega (2010), a crença em São João representa a purificação e regeneração da vegetação e das estações, sendo que a festa realizada para homenageá-lo apresenta uma origem rural.

A prática de banhos ritualísticos para fins espirituais é comum no Brasil, podendo estar ligada ao candomblé ou não, com origem indígena e negra (LIMA, 2009). Os banhos podem ser classificados tradicionalmente em alguns tipos como: de descarrego, proteção e limpeza. No Norte e Nordeste, os cultos afrodescendentes sofrem forte influência indígena e os banhos de cheiro realizados nestas regiões têm por finalidade combater a má sorte, o feitiço e o mau olhado (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2007; LIMA, 2009).

Em Abaetetuba, o banho de cheiro tem o significado cultural de atrair coisas boas como felicidade, prosperidade, bons negócios, sorte no amor e dinheiro, bem como afastar más energias, acalmar espíritos de caboclos, promover a limpeza corporal, descarregar energias e levantar o astral. Portanto, no geral, apresenta o mesmo significado cultural que o banho de cheiro realizado em Belém (BERG; SILVA, 1986).

Diversos personagens estão envolvidos nessa tradição, sendo um deles o vendedor de plantas do banho, responsável por fornecer essas ervas na feira da cidade.

De fato, os mercados tradicionais – onde se instalam os vendedores de ervas – representam importantes pontos de aquisição de informações sobre a utilização da fauna e flora nativas ou exóticas de uma região, podendo fornecer informações úteis na elaboração de planos de conservação e manejo (ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2002).

Neste estudo, foram entrevistados 20 vendedores, sendo 14 (70%) homens e seis (30%) mulheres, diferentemente do que Lopes et al. (2010) registraram no Ver-o-Peso em Belém, onde não há predominância de um sexo sobre o outro entre os vendedores de plantas medicinais e ritualísticas. A predominância do sexo masculino na venda de plantas do banho de cheiro em Abaetetuba talvez se deva ao fato dos homens não desempenharem em sua maioria atividades domésticas, apresentando mais disponibilidade pelo horário da manhã, quando se faz a comercialização.

As ervas vendidas nos mercados ao ar livre pelos típicos caboclos amazônicos retratam a memória e a prática cultural do cotidiano. Logo, ao estudarmos esses vendedores estamos conhecendo a história da nossa comunidade através da relação de compra dessas plantas, pois tais produtos são uma identidade de manifestação cultural (LOPES et al., 2010). Em Abaetetuba, o principal local de comercialização encontra-se em frente ao “mercado principal” da cidade. Segundo Almeida e Albuquerque (2002), em mercados das regiões Norte e Nordeste do Brasil, comercializam-se plantas e animais (ou partes destes) ou preparados líquidos denominados “garrafadas”, que são utilizados para fins terapêuticos ou para uso mágico-religiosos.

Na véspera do dia de São João, as famílias dos vendedores ajudam na comercialização das plantas, muitas vezes podendo estar divididos em outros pontos da feira para aumentar a renda familiar. Como verificado, 17(85%) dos entrevistados contam com ajuda familiar, podendo ser irmãos, filhos, esposa e primos. Proporções semelhantes foram registradas entre os vendedores da feira “da 25 de setembro” em Belém (CARMO et al., 2015). Como registrado por Lopes et al. (2010) no Ver-o-Peso em Belém, as vendas sofrem um aumento no mês de junho, véspera de São João, e em dezembro, no último dia do ano, quando as pessoas tomam o banho para atrair sorte para o ano novo, motivos pelos quais nesses períodos os erveiros precisam da ajuda de familiares para atender a demanda. Em Abaetetuba, entretanto, os vendedores de plantas do banho de cheiro não possuem pontos fixos de venda na feira. Eles apenas praticam a venda na manhã do dia 23 de junho, não se verificando tal prática em outros períodos do ano.

O conhecimento a respeito das plantas de banho de cheiro tem raízes familiares, o que foi apontado por 85% (17) dos entrevistados. Poucos foram os que aprenderam em literaturas sobre plantas (dois entrevistados) e apenas um informou que aprendeu por outros meios, por exemplo, com amigos vendedores. Segundo Lopes et al. (2010), os erveiros da feira do Ver-o-Peso em Belém também aprenderam sobre plantas com os seus pais, demonstrando que na região esse conhecimento em geral é repassado de geração a geração dentro do grupo familiar.

Entretanto, muitos adeptos da religião afro-brasileira declaram acreditar que “*folha de feira não é a mesma coisa, pois tem que ser natural, ter horário de coleta e pedir licença para usar*”, orientações estas que não se sabe se são respeitadas pelos coletores das plantas para a venda nas feiras livre (ALMEIDA, 2011). De fato, ao serem questionados sobre orientações de coleta como estas, todos os vendedores de Abaetetuba

responderam desconhecê-las, as quais segundo Almeida (2011) são oriundas dos terreiros de umbanda e candomblé.

As plantas do banho são vendidas na forma de um maço que custa em média dois reais a unidade. Elas são acondicionadas em cestos grandes feitos da “tala” do miriti (palmeira, *Mauritia flexuosa* Mart.) e sua venda é realizada durante o dia, das 07 às 13 horas aproximadamente. Um fato interessante observado foi que alguns vendedores devido à alta temperatura tem o hábito de jogar água dentro do cesto para preservar o material até o momento da venda.

Uma vez de posse das plantas adquiridas por meio da compra ou do próprio cultivo em casa, as pessoas preparam o banho de cheiro. Nesse preparo do banho de cheiro de Abaetetuba são utilizadas 29 plantas. Além dessas, tem-se uma amostra vegetal adicional, conhecida como cipó-d’alho [*Mansoa alliacea* (Lam.) A.H. Gentry], a qual é empregada para “limpar” o local da festa onde ocorre o banho, pois essa planta tem a propriedade de afastar maus espíritos. Assim, embora a espécie não entre na composição do banho de cheiro, será considerada parte do ritual e computará nas análises seguintes (Tabela 1).

Das 30 plantas usadas no banho de São João em Abaetetuba, 23 foram identificadas, três só foram determinadas em nível de gênero, duas até família e duas não puderam ser determinadas (Tabela 1). Entre as espécies cuja identificação possibilitou saber a distribuição, 10 são nativas da região amazônica e 11 são exóticas, destaque para *Aeollanthus suaveolens* Mart. ex Spreng. originária da África. Essa característica foi observada por Camargo (1998), que evidencia o uso de plantas nativas e exóticas em rituais afro-brasileiros. De acordo com Camargo (1998) e Berg e Silva (1986), o uso de plantas nativas e exóticas em banhos ritualísticos deve-se ao contato dos negros que chegaram ao Brasil com os indígenas que aqui residiam. Os índios, então, começaram a passar seus conhecimentos sobre as plantas nativas e as funções que as mesmas desempenhavam em seus rituais religiosos e de cura. Desde então, os negros passaram a usá-las, também, em suas reuniões religiosas.

**Tabela 1.** Plantas usadas no banho de cheiro de São João em Abaetetuba, Pará, Brasil.

Legenda: Parte usada: C: caule, F: folha, R: raiz. Função: A: aromática, M: mística, MA: místico-aromática. Origem: E: exótica, N: nativa.

Família	Nome Científico	Nome Popular	Parte Usada	Função	Origem
Acanthaceae	<i>Hemigraphis alternata</i> (Brum. F.) T. Anderson	trevo roxo	F, C	M	E
	<i>Justicia pectoralis</i> var. <i>stenophylla</i> Leonard	trevo	F	MA	N
Annonaceae	<i>Guatteria scandens</i> Diels	cipó-iuíra	C	MA	N
Asteraceae	<i>Ayapana triplinervis</i> (M.Vahl) R.M.King & H.Rob.	japana branca e roxa	F, C	M	N
Bignoniaceae	<i>Bignonia nocturna</i> (Barb.Rodr.) L.G.Lohmann	curimbó	C	MA	N
	<i>Mansoa alliacea</i> (Lam.) A.H. Gentry	cipó-d’alho	F, C	M	N
Cyperaceae	<i>Cyperus odoratus</i> L.	pripioca	R	A	N
Euphorbiaceae	<i>Sagotia racemosa</i> Baill.	arataciú	F	A	N

**Tabela 1.** Continuação. Legenda: Parte usada: C: caule, F: folha, R: raiz. Função: A: aromática, M: mística, MA: místico-aromática. Origem: E: exótica, N: nativa.

Família	Nome Científico	Nome Popular	Parte Usada	Função	Origem
Geraniaceae	<i>Pelargonium zonale</i> (L.) L' Hér.	malva-rosa	F	A	-
Lamiaceae	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	catinga de mulata	F, C	MA	E
	<i>Coleus amboinicus</i> Lour.	urtiga cheirosa	F	A	E
	<i>Mentha</i> sp.	vergamota	F, C	A	-
	<i>Ocimum minimum</i> L.	manjeriço	F, C	MA	E
Lamiaceae	<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	oriza	F	MA	E
	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	alecrim da angola	F	MA	E
	Não identificada	mangerona branca	F	MA	-
	Não identificada	chama	F, C	MA	-
Lauraceae	<i>Cinnamomum</i> sp.	canela macho	F	MA	N
Meliaceae	<i>Cedrella odorata</i> L.	cedro	C	MA	-
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus</i> sp.	dinheiro em penca	F, C	M	-
Piperaceae	<i>Piper arboreum</i> Aubl.	pau-de-angola	F	MA	N
	<i>Bacopa axillaris</i> (Benth.) Cowan	beliscão	F	A	E
Plantaginaceae	<i>Conobea scoparioides</i> (Cham. & Schltld.) Benth.	pataqueira	F, C	MA	N
Poaceae	<i>Vetiveria zizanioides</i> (L.) Nash.	patichuli	R	A	E
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	F	MA	E
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	capitiú	F	MA	N
	<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K.Schum.	vindica pajé	F	A	E
Zingiberaceae	<i>Alpinia speciosa</i> (Blume) D. Dietr.	vindica	F	MA	E
Indeterminada	Não identificada	abre caminho	F	M	-
	Não identificada	coré	C	MA	-

Em relação as suas finalidades, apontam-se oito plantas (25,8%) utilizadas unicamente como aromáticas, cinco (16,12%) usadas com objetivo místico, como de atrair riqueza, amor, afastar maus espíritos, e 17 (58%) são tanto aromáticas como místicas, tal como citado por Berg e Silva (1986) em Belém, onde a maioria das plantas usadas no banho de cheiro possui finalidades aromáticas (95% das plantas).

As espécies com finalidade mística podem ser categorizadas para: atração – sendo essas, abre caminho (não identificada), arruda (*Ruta graveolens*), catinga de mulata (*Aeollanthus suaveolens*), dinheiro em penca (*Phyllanthus* sp.), japana roxa e branca (*Ayapana triplinervis* (Vahl) R.M.King e H.Rob.), mangerona branca (não identificada), pataqueira (*Conobea scoparioides*), pau-de-angola (*Piper arboreum*), trevo (*Justicia pectoralis* var. *stenophylla*), trevo roxo (*Hemigraphis alternata*), vindica (*Alpinia speciosa*) e vindica pajé (*Alpinia purpurata*); proteção – arruda (*Ruta graveolens*), canela macho (*Cinnamomum* sp.), cedro (*Cedrella odorata*), cipó-d'alho (*Mansoa alliacea*), curimbó (*Bignonia nocturna*) e pataqueira (*Conobea scoparioides*); descarrego – alecrim da angola (*Vitex agnus-castus*), capitiú (*Siparuna guianensis*) e manjeriço (*Ocimum minimum*); calmante – coré (não identificado), cipó-iuíra (*Guatteria scandens*) e oriza (*Pogostemon heyneanus*).

O número de plantas usadas no banho de Abaetetuba (30) foi menor que o descrito por Berg e Silva (1986) para o banho realizado em Belém, em cuja composição constam 47 espécies. Entretanto, apesar de possuir um número menor de plantas, a composição do banho de cheiro de Abaetetuba apresenta sete espécies que não foram listadas na composição do banho realizado em Belém. São elas: canela macho (*Cinnamomu* sp), cipó-d'alho (*Mansoa alliacea*), curimbó (*Bignonia nocturna*), dinheiro em penca (*Phyllanthus* sp.), trevo roxo (*Hemigraphis alternata*), urtiga cheirosa (*Coleus amboinicus*) e vindica pajé (*Alpinia purpurata*).

O emprego não aleatório das plantas ritualísticas é discutido por Camargo (1998), que destaca o uso das mesmas e o seu papel nos rituais a partir dos princípios químicos que as compõem. Segundo esse autor o alecrim da angola (*Vitex agnus-castus*) possui ação inibidora sexual, devido seus princípios ativos, como o óleo essencial e alcaloide, substâncias essas responsáveis pela atividade biológica supracitada. Assim sendo, essa planta é usada em determinadas religiões para que a pessoa iniciada alcance o equilíbrio, pois adquirem mais concentração nas atividades religiosas. Por outro lado, no estudo realizado não foi verificado a ligação existente entre o princípio ativo da planta e sua função ritualística, pois as informações coletadas partem do conhecimento de origem familiar.

Ressalta-se que as plantas ritualísticas adquiriram fundamental importância na medicina popular quando utilizadas para outros fins, como o terapêutico (ALZUGARAY, 1983). Por isso, destacasse a necessidade de desenvolver trabalhos relacionados a estas formas de utilização, devido à importância de uma investigação de caráter farmacobotânico em função dos princípios ativos, responsáveis pelos efeitos que causam àqueles que delas se utilizam (VERGER, 1995).

#### 4. CONCLUSÃO

Os resultados demonstraram que em Abaetetuba os conhecimentos sobre o banho de cheiro vêm sendo repassados de geração a geração por meio do ensinamento familiar, motivo pelo qual existe ainda uma cultura que preserva os elementos tradicionais relacionados a essa prática, embora com algumas características diferenciadas de outras cidades da região, por exemplo, a população de Abaetetuba não tem o hábito de vender garrafadas de banho de cheiro nem de tomar esse banho em outra época do ano.

O banho de cheiro de Abaetetuba tem um número menor de espécies (30) em relação ao que foi constatado no banho realizado em Belém (47) por Berg e Silva (1986), acreditamos que isso se deva o fato da perda cultural ao longo dos anos e também ao fato do extrativismo acentuado. Entretanto, necessita-se de uma investigação mais detalhada para se identificar tais ocorrências. Nota-se que Berg e Silva (1986) verificaram a redução na prática do banho por fatores relacionados com a perda do conhecimento sobre estas plantas e a falta das ervas adequadas presentes nos mercados.

Assim, com a sistematização do conhecimento relacionado à tradicional prática de banho de cheiro no município de Abaetetuba, buscou-se conhecer melhor as plantas usadas. Desse modo, espera-se que este estudo sirva como base para pesquisas futuras e contribua com a preservação da cultural local, uma vez que existem poucas literaturas



regionais em relação a esse assunto, motivo pelo qual se fará o retorno para a comunidade na forma de um catálogo das plantas usadas no banho de São João em Abaetetuba.

## AGRADECIMENTOS

Aos erveiros do banho de cheiro de Abaetetuba, por compartilharem seus conhecimentos; à Dona Nina Abreu uma das mais antigas preparadoras de banho de cheiro desse município; e às Professoras Marta Coutinho Caetano e Maria Goreti Coelho de Souza, por terem dado sugestões enriquecedoras ao trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Tem alfavaca e manjeriço no candomblé. In: ALBUQUERQUE, U. P. **O dono do segredo**: O uso de plantas nos cultos afro-brasileiros. Recife: NUPEEA, 2007. 39-52 p.

ALBUQUERQUE, U.; LUCENA, R.; ALENCAR, N. Métodos e Técnicas para Coletas de dados etnobiológicos. In:\_\_\_\_. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: NUPPEA, 2010. 41-64 p.

ALMEIDA, C.F.; ALBUQUERQUE, U.P. Uso de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**, 27(6):276-284, 2002.

ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. 3ª ed. Salvador: EDUFBA, 2011.

ALZUGARAY, D. **Plantas que Curam**: A Natureza a Serviço de sua Saúde. São Paulo- SP: Três Livros e Fascículos, 1983.

BERG, M. E. V. D. Aspectos Botânicos do culto afro-brasileiro da casa das Minas do Maranhão. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**, 7(2):486-498,1991.

BERG, M. E. V. D; SILVA, M. H. L. Ethnobotany of a traditional ablution in Pará, Brazil. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, 2(2):213-218, 1986.

BERG, M. E. V. D. **Plantas medicinais na Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.

CAMARGO, M. T. A. **Plantas medicinais e de rituais Afro-brasileiros**: estudo etnofarmacobotânico. São Paulo: Ícone, 1998. 232 p.

CARMO, T.N.; LUCAS, F.C.A.; MIRANDA, G.J.; GURGEL, E.S.C. Plantas medicinais e ritualísticas comercializadas na feira 25 de Setembro, Belém, Pará. **Enciclopédia Biosfera**, 11(21):34-40, 2015.

COELHO-FERREIRA, M. **Identificação e Valorização das Plantas Medicinais de uma Comunidade Pesqueira do Litoral Paraense.** Belém, 2000. 268 p. Tese de Doutorado - Centro de Ciências Biológicas, UFPA.

FIDALGO, O; BONONI, V. L. **Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico.** São Paulo: Instituto de Botânica, 1989. 62 p.

**JSTOR**- Disponível em: < <http://plants.jstor.org//>>. Acesso em: 18.01.2018.

LIMA, C. Os santos de junho. **Revista Junina.** Edição Especial, p.1-10, 1997.

LIMA, A. **Banhos terapêuticos e ritualísticos.** Petrópolis: EPUB, 2009. 64 p.

LIMA, M. S. C.; SILVA, W. L. S.; ANDRADE, L. H. C. Plantas místico-religiosas em rituais da nação Xambá e na Umbanda. In: ALBUQUERQUE, U. P.; ALMEIDA, C. F.; MARINS, J. F. A. **Tópicos em conservação, etnobotânica e etnofarmácia de plantas medicinais e mágicas.** Recife: NUPEEA, 2005. 77-100 p.

LISBOA, P. L. B.; SILVA, M. L. O manejo dos recursos biológicos. In: LISBOA, P. L. B. **Aurá: comunidades e florestas.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2009. 93-173 p.

LOPES, T. C.; LIMA, W. C.; ALMEIDA, J. K. D. Erveiros (as) do Ver-o-Peso, em Belém do Pará: um estudo etnográfico. **África e Africanidades**, 3(9):1-22, 2010. Disponível em: <[http://www.africaeafricanidades.com/documentos/Erveiros\\_do\\_Ver\\_o\\_Peso.pdf](http://www.africaeafricanidades.com/documentos/Erveiros_do_Ver_o_Peso.pdf)>. Acesso em: 18.01.2018.

**Missouri Botanical Garden** - Disponível em: <<http://www.tropicos.org/>>. Acesso em: 18.01.2018.

NÓBREGA, Z. **A festa do maior São João do mundo: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande.** Salvador, 2010. 317 p. Tese de Doutorado – Pós-graduação em Comunicação, UFBA.

RANGEL, L. H. V, **Festas juninas festas de São João: origens, tradições e história.** São Paulo: Publishing Solutions, 2008. 129 p.

SOUZA, J. C. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. **Revista Brasileira de História**, 24(48):331-351, 2004.

VERGER, P.F. **Ewé: o uso das plantas na sociedade Iorubá.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ZOGHBI, M. G. B.; GUILHON, G. M S. P. Abordagem preliminar da flora aromática. In: JARDIN, M. A. G.; ZOGHBI, M. G. B. **A Flora da Resex Chocóaré – Mato Grosso (PA): diversidade e usos.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2008. 105-126 p.